

Introdução

A inspiração para que Charles Sanders Peirce associasse o termo “pragmatismo” a um novo tipo de filosofia originou-se em Immanuel Kant. Segundo “A Metafísica dos Costumes”¹, obra do alemão, enquanto o termo “prático” se refere a leis morais consideradas *a priori*, o termo “pragmático” diz respeito a regras da arte e da técnica que são baseadas na experiência e aplicadas na experiência.

Sabe-se que o primeiro registro da utilização do termo “pragmatismo” data de uma palestra em 1898 denominada “Philosophical conceptions and practical results”, conduzida por William James na Universidade da Califórnia, numa alusão a Charles Sanders Peirce. Nessa ocasião, ele apresentou o que chamou de princípio de Peirce: o teste de o que é uma verdade é de fato a conduta que ela inspira ou dita; assim sendo, o significado efetivo de qualquer proposição filosófica pode sempre ser trazido para uma conseqüência particular na nossa experiência prática futura, ativa ou passiva. Nessa linha, ao filósofo caberia a pergunta: qual diferença para o mundo se considerarmos uma tal idéia verdadeira ou falsa?²

Conforme se espera restar claro ao fim deste trabalho, seria um contrassenso que, em um estudo dedicado ao pragmatismo, elegêssemos como foco *definir o que significa* este termo. No entanto, de forma a permitir uma aproximação inicial com o tema, é possível dizer que, entre os pensamentos dos pragmatistas clássicos Wendell Homes, Charles S. Peirce, William James e John Dewey³ encontramos alguns pontos em comum. O que possuíam em comum não eram apenas conjuntos de idéias, mas idéias sobre idéias: acreditavam que as

¹ KANT, Immanuel. *Fundamentação da metafísica dos costumes*. Coimbra : Atlantida, 1960.

² MENAND, Louis. *Pragmatism: a reader (ed.)*. Nova Iorque: Vintage Books, 1997, pp. xi a xxxiv.

³ A utilização do termo “pragmatista clássico”, costumeiramente atribuído a Oliver Wendell Holmes, Charles Sanders Peirce, William James e John Dewey, objetiva se opor a “neopragmatista”, título este que a filosofia atual tem atribuído aos(às) autores(as) que contemporaneamente retomam as idéias dos pragmatistas clássicos, seja com fidelidade às idéias originais, seja reformulando-as criativamente, conforme veremos nos capítulos subseqüentes, em especial no último.

mesmas não estavam no mundo à espera de serem descobertas, mas são ferramentas a serem utilizadas pelas pessoas para lidarem com o mundo; que não são produzidas pelos indivíduos ou de acordo com uma lógica própria delas, mas socialmente e totalmente dependentes do meio e das ações humanas.⁴ Esses autores concordavam ao reafirmarem o compromisso com a auto-transformação criativa, ao deixarem de lado qualquer definição absoluta da verdade e ao substituírem-na por uma pluralidade de perspectivas. Acreditavam e sustentavam que as idéias eram respostas provisórias a circunstâncias particulares, ressaltando a importância da adaptabilidade das mesmas em detrimento da imutabilidade. Não valorizavam o pensamento como aquilo que tem por resultados distinções lógicas ou sistemas intelectuais, mas pelo fato de, num comprometimento com transformação criativa, traduzir idéias em ações e comportamentos. A busca pela certeza é vista pelos pragmatistas como reminiscência fútil e desorientada da metafísica que, deixada de lado, convida o novo e o contingente para o debate e a ação, como fonte de oportunidade e possibilidade.⁵ Nessa perspectiva, sugere-se que se deixem de lado fundações absolutas e irrefutáveis para o pensamento. Como resultado, velhos problemas filosóficos são deixados de lado, emergindo uma nova série de questionamentos, desta vez concernidos com as conseqüências práticas das idéias em seus cenários concretos.⁶

A valorização da ação, representada no protagonismo do estudo do comportamento humano, emerge nessa linha. Segundo os autores citados, valoriza-se uma ênfase no engajamento prático com o mundo cotidiano, rechaçando-se a filosofia transcendental ou demasiadamente teórica em prol da busca pelas implicações práticas das crenças humanas.⁷ O resultado é uma aproximação da filosofia e da ciência não com o objetivo de fundamentação, como outrora, mas rompendo com essa perspectiva e privilegiando o método e a pesquisa científicos. Assim, os pragmatistas não observam as coisas isoladamente, existentes por si mesmas, mas pertencendo a cenários que moldam seus

⁴ MENAND, Louis. *The metaphysical club: a story of ideas in America*. Nova Iorque: Farrar, Straus and Giroud, 2001, pp. ix a xii.

⁵ DICKSTEIN, Morris (ed.). *The revival of pragmatism: new essays on social thought, law, and culture*. Durham e London: Duke University, 1998, pp. 1 a 18.

⁶ TALISSE, Robert B. *On Dewey*. New York: Wadsworth, 2000, pp. 1 a 16.

⁷ CAPPS, Donald e CAPPS, John M. (org.) *James and Dewey on belief and experience*. Urbana e Chicago: University of Illinois, 2005, p. 1.

significados e valores. A verdade se torna dinâmica, não absoluta.⁸ Nessa linha, o termo pragmatismo se refere à “arte de tornar conceitos claros”.⁹

Tendo essas considerações em mente, uma das inquietações do estudioso da filosofia e da ciência políticas se torna o exame da democracia à luz das idéias pragmatistas, inquietação inspiradora desta dissertação.

É preciso dizer que a preocupação do pragmatismo com a democracia não é rara; de fato, o pragmatismo teve o seu surgimento conectado diretamente a episódios da história estadunidense relacionados a esse ideal.

Oliver Wendell Holmes Jr., que viveu de 1841 a 1935 e é reconhecido pela sua participação marcante na Suprema Corte dos Estados Unidos, em sua juventude participou da Guerra Civil do século XIX nesse país. A partir do que viveu na guerra, Holmes chegou à conclusão segundo a qual o que leva ao conflito armado é a certeza, é acreditar que o fato de se pensar de forma correta justifica que se façam imposições a qualquer um que não subscreva às ideologias particulares de quem acredita estar correto. Se essa convicção a respeito de estar correto é poderosa o suficiente, leva ao uso da força contra seus opositores. Quando muitas pessoas pensavam que o mundo seria um lugar melhor caso aqueles que se opusessem a elas e, “portanto, estivessem errados”, não mais fizessem parte dele, a “certeza” levaria à guerra. Pensamentos como esse levaram Holmes e os demais pragmatistas a rejeitarem qualquer idéia que se apresentasse como alguma forma de poder supremo. Mesmo abrindo mão de fundamentos absolutos, seria possível lutar pelas mesmas coisas, como o abolicionismo à época da guerra civil, sob a bandeira de que se busca uma visão de mundo que se acha interessante, que corresponde à forma como a pessoa que está engajada na luta acha que o mundo deveria ser.¹⁰ Para os pragmatistas estadunidenses clássicos, a guerra civil foi resultado de fracasso das idéias, o que demonstrava a necessidade de uma reformulação da maneira de se pensar.¹¹

Dentre os estudiosos pragmatistas, aquele que mais se dedicou à incursão no pensamento e prática democráticos foi John Dewey. Dewey nasceu na cidade

⁸ DICKSTEIN, Morris (ed.). *The revival of pragmatism: new essays on social thought, law, and culture*, ob. cit., pp. 1 a 18.

⁹ Dewey, John. *The development of american pragmatism*. In: ALEXANDER, Thomas M. e HICKMAN, Larry A. (ed.). *The essential Dewey*. Bloomington: Indiana University, 1998, vol. I, p. 3.

¹⁰ MENAND, Louis. *The metaphysical club: a story of ideas in America*, ob. cit., pp. 49-69.

¹¹ *Ibid.*, pp. ix a xii.

de Burlington, nos Estados Unidos, em 1859, ano em que foi lançada a obra “A origem das espécies” de Charles Darwin. À época em que faleceu (precisamente no ano de 1952) era o intelectual estadunidense mais famoso. Foi um psicólogo, um filósofo, um ativista social, um intelectual, um reformador social, um pedagogo. Testemunhou uma série de eventos extraordinários na ciência, arte, cultura e política dos Estados Unidos, seu país de origem, e do mundo, dentre os quais destacamos, além dos já mencionados: teoria da relatividade de Einstein, teoria quântica de Bohr e Heisenberg, valorização da arte menos formal e do jazz, o voto feminino, a Grande Depressão e a expansão dos Estados Unidos como um grande poder mundial. Diante desse cenário de profundas modificações culturais, sociais, políticas e econômicas, chamou a atenção de Dewey a forma como a permanente implementação da democracia poderia ser prejudicada caso velhos hábitos, dogmas e pressupostos nunca fossem postos em dúvida.

No capítulo 1, são apresentados alguns conceitos e idéias que integram com grande freqüência o vocabulário de Dewey, de forma a munir os leitores deste trabalho das ferramentas teóricas utilizadas pelo autor na construção de seu pensamento. Assim, é descrita com mais detalhamento a crítica à filosofia tradicional acima citada, pela qual o estadunidense se tornou renomado, contexto em que são trabalhados os conceitos de fim-em-vista, experiência e hábito. Vale lembrar que tal incursão teórica se faz indispensável já que o autor, ao se utilizar de termos corriqueiros está, muitas vezes, na verdade, se referindo ao colorido desses termos adquirido no contexto de sua reconstrução da filosofia, ou seja, num cenário em que dogmas e fundamentos convidam à reflexão.

No segundo capítulo desta dissertação nos dedicaremos a explorar as implicações trazidas pela teoria pragmatista à ciência política. Assim, nos debruçaremos principalmente sobre a desmistificação da necessidade de que determinado arranjo social seja definido como aquele a ser buscado, independentemente dos contextos que o abrigam e históricos que o antecedam. Nesse quadro, a comunidade se torna a associação humana sustentada emocional e intelectualmente capaz de promover arranjos sociais inovadores diretamente correspondentes ao incentivo que fornece à comunicação entre os membros da comunidade. Por fim, o capítulo 2 explorará a forma como o ideal de liberdade é percebido nesse contexto e o papel do liberalismo como bandeira levantada por setores sociais que se sentiam de alguma forma desprivilegiados e cuja luta

alcançou apoio social marcante. Assim, podemos compreender a tese de Dewey de acordo com a qual a experiência é uma forma de vida conjunta comunicada.

O terceiro capítulo do trabalho, por sua vez, nos permitirá aprofundar nossa incursão no pensamento democrático de Dewey ao apresentar o paralelo permanente nas obras do autor entre educação e democracia. Analisaremos as razões que levam o estadunidense a se afastar das concepções clássicas de educação segundo as quais o indivíduo possui dentro de si a centelha da razão e do que é justo; e a se aproximar da idéia de educação como ferramenta indispensável na *construção* do cidadão democrático. Analisaremos a forma como a pedagogia exerce uma poderosa tarefa na sociedade, a de forjar hábitos e disseminar conhecimentos que caracterizarão os sujeitos, e como uma política democrática deve estar atenta a esse mecanismo e se pautar por influenciá-lo e direcioná-lo a seu favor. Nesse mesmo capítulo, examinaremos ainda a idéia de engenharia social de Dewey, segundo a qual uma concepção de inteligência como algo construído socialmente pode contribuir para que se identifiquem e se modelem meios para que fins sociais sejam alcançados. Por fim, nos debruçaremos sobre as idéias de que a democracia é mais que um sistema de governo, é uma forma de vida, que encontra impulso por se caracterizar como um ideal.

O quarto e último capítulo nos levará a discutir apreciações e críticas de autores contemporâneos ao pensamento de Dewey sobre a democracia, ou seja, ao que foi exposto nos capítulos 1, 2 e 3 deste trabalho. Os autores mais presentes nessa discussão serão Robert Westbrook, Richard Rorty e Richard Bernstein. As principais críticas debatidas serão: (a) o papel das relações de poder em seus escritos e (b) sua crença na idéia de método científico. Em seguida, (c) confrontaremos o pensamento de Richard Rorty sobre a democracia com as idéias daquele de quem se diz discípulo, John Dewey, observando o conflito entre a fundamentação de conceitos e a prática de especificá-los para operacionalizá-los.

Ao fim, como será observado pelos nossos leitores, chegaremos à conclusão de que a obra do pragmatista clássico permanece valiosa para aqueles preocupados contemporaneamente com a democracia, mesmo passados mais de 60 anos de sua morte. Veremos o que os teóricos e aplicadores contemporâneos da democracia ainda podem aprender com as lições sobre experimentalismo social, contextualização das formas políticas e críticas à busca pelos fundamentos da

democracia. Veremos o quanto o pensamento e a prática sobre a democracia podem sair vitoriosos quando a filosofia, num rompante de humildade, admite que sua tarefa em relação à teoria política é bem menos ambiciosa, mas tremendamente mais útil, adequada e geradora de bem-estar social.

Ademais, cabem notas metodológicas. Este é um trabalho baseado no pensamento de um autor, John Dewey. Uma vez que se utilizou nesta dissertação fonte primária de sua literatura, e que apenas poucas de suas obras foram traduzidas para o português, optou-se por, nos casos em que há transcrições de linhas do autor, inserir uma tradução livre no corpo do texto e apresentar o trecho em seus termos originais em notas de rodapé. Ainda por ser um trabalho autoral, vale dizer que, atendendo a premissa pragmatista, o cenário que perfilha as reflexões acima é a sociedade e a história dos Estados Unidos. Espera-se que, em futuras repercussões desta pesquisa, se possa pontuar de que forma a teoria pragmatista democrática pode apoiar a construção e implementação da democracia na realidade e sociedade brasileiras.